

## Sonhos impressos

Humberto Werneck

Ninguém me pediu para cuidar de capa ou de ilustrações. O convite da Companhia das Letras, 10 anos atrás, era apenas para que eu organizasse em três pequenos volumes os 33 contos a que se resume a obra em mais de um sentido fantástica de Murilo Rubião – cujo centenário de nascimento, aliás, transcorre no próximo 1.º de junho. Mas sou às vezes enxerido, tendente a me meter no que não é da minha conta. Não por acaso minha mãe chamava o filho de quati, bicho compulsivamente fuçador e mexedor.

No caso daqueles três livrinhos, baixou neste quati o temor de que a tarefa de cuidar dos aspectos materiais pudesse cair nas mãos de algum burocrata do traço e da cor, desses capazes de sapear na capa do clássico da Emile Brontë um morro e umas árvores vergadas ao sopro de ventos uivantes. Nada autorizava tal suspeita – ao contrário, a editora em questão é conhecida também pelo cuidado que põe no visual de seus lançamentos.

Ainda assim, o intrometido foi bater na porta do crítico, escritor e historiador da arte Rodrigo Neves: qual artista plástico poderia eu propor à editora para cuidar dos contos de Murilo Rubião? Fale com a Elisa Bracher, recomendou Rodrigo sem hesitação – e lá fui eu viver o que, não apenas para mim, seria uma experiência muito mais do que editorial, dessas que se imprimem também no coração.

Além de seu trabalho de artista, Elisa Bracher comanda o Instituto Acaia, entidade sem fins lucrativos atuante em mais de um ponto do Brasil. Em São Paulo, empenha-se em oferecer atividades socioeducativas aos moradores de duas favelas e um conjunto habitacional das proximidades da antiga Ceasa, hoje Ceagesp, que abastece de alimentos a capital paulista.

Entre as diversas frentes de atuação do Acaia há um ateliê de xilogravura, tocado pelos artistas plásticos Fabrício Lopez e Flávio Castellan. Foi criado não exatamente para formar artistas, mas instrumentar pessoas para a ganhação da vida, e sobretudo estabelecer “relações de convívio”, como diz Fabrício, estratégia capaz de minorar os horrores de um universo onde imperam a miséria, a violência, o tráfico de drogas e a prostituição infantil. No começo, o Xiloceasa atraiu adolescentes que em sua maioria trabalhavam com madeira, fabricando caixas de frutas e legumes para a Ceagesp. A intimidade deles com essa matéria-prima desembocou de modo natural na criação de uma gráfica artesanal de xilogravura para a feitura de cartazes e outros impressos.

Foi ali que cheguei, levado por Elisa e pelas professoras Olga Maria Aralhe e Ana Cristina Cintra Camargo, para propor à tigrada o desafio de criar capas para os livros de Murilo, com a indispensável instigação e orientação de Fabrício e Flávio. Por pouco não desanimei. Não esqueço a expressão vazia no rosto dos adolescentes diante da proposta, para eles inédita. Longo trabalho custou ao pessoal do Acaia criar as condições para que se acendesse o ânimo dos alunos, num esforço que incluiu a leitura, pelas professoras, de contos de Murilo.

Lá adiante houve o momento, emocionante, em que uma Kombi desembarcou no ambiente asséptico da editora um grupo de adolescentes malvestidos e malcheirosos, levando o fruto de sua criação. Inesquecível, também, o modo nem remotamente paternalista com que o responsável pela capa e pelo projeto gráfico, o veterano João Baptista da Costa Aguiar, tratou os neófitos do Xiloceasa, de igual para igual, como colegas.

E houve o dia em que, tendo saído O Pirotécnico Zacarias, primeiro volume de uma série que se completaria com A Casa do Girassol Vermelho e O Homem do Boné Cinzento, eu liguei, eufórico, para Elisa Bracher. Traga o livro aqui, ela pediu. Nada disso, sugeri: vamos levar a turma para ver a arte deles exposta entre outros livros, numa grande livraria. Assim foi feito, e o olhar baço que os jovens criadores exibiam no início da aventura se pôs brilhante na constatação do valor de seu trabalho.

A primeira experiência puxou outras, e mais capas foram feitas, entre elas a do Poema Pedagógico, de Anton Makarenko, lançado pela Editora 34. Nova picada se abriu – a da edição de livros artesanais, de autores já estabelecidos, como Arnaldo Antunes, Luiz Ruffato, Alice Ruiz, Alberto Martins, Beatriz Bracher e Fabrício Corsaletti, e em seguida a estrepentes surgidos à sombra do Acaia. Para alguns, a busca de um ofício levou também à arte como projeto de vida. Meninos favelados puderam estagiar em Londres e no Canadá. Muito mais do que Elisa Bracher havia sonhado quando, em 1997, deu largada ao que viria a ser o Acaia.

Fico a imaginar a alegria de Murilo Rubião se soubesse que a trajetória do Xiloceasa tem um pouco a ver com os 33 contos que ele passou a vida refinando.

Fonte: <http://m.cultura.estadao.com.br/noticias/geral,sonhos-impressos,10000028001>